



Acta Scientiarum. Human and Social Sciences

ISSN: 1679-7361

eduem@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

Taam, Regina; Stieltjes, Claudio  
Esperança de vida e educação permanente na terceira idade  
Acta Scientiarum. Human and Social Sciences, vol. 34, núm. 1, 2012, pp. 19-26  
Universidade Estadual de Maringá  
Maringá, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307324776004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



## Esperança de vida e educação permanente na terceira idade

Regina Taam\* e Claudio Stieltjes

Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. \*Autor para correspondência.  
E-mail: rtaam2001@yahoo.com.br

**RESUMO.** No trabalho que apresentamos, procuramos demonstrar a distância que separa os conceitos de expectativa de vida e de esperança de vida, tomados como sinônimos pelo IBGE, pela mídia e por pesquisadores do campo da gerontologia. A delimitação conceitual é estabelecida a partir da obra do filósofo Ernst Bloch, *Princípio Esperança*, e do pensamento pedagógico de Paulo Freire. Em Bloch, a esperança imprime à vida uma direção projetiva, orientada pela consciência antecipadora; esta se constitui da aliança entre o sonho e a realidade, sem se perder no universo onírico, mas sem deixar que a realidade imponha seus limites. Freire nos traz a pedagogia da esperança, que pode ser uma ferramenta valiosa na ação educativa intensional e sistemática com pessoas idosas, em instituições de ensino superior. O educador progressista tem o desafio de provocar em seus alunos o desejo da mudança, da transformação das condições sociais e políticas impostas por um sistema que ofende a dignidade humana. A mudança exigirá uma contínua aprendizagem de conteúdos científicos que alarguem e aprofundem a compreensão do mundo. A incompletude do ser humano obriga-o a buscar sempre novos conhecimentos que o ajudem a avançar para além do senso comum, construído a partir das experiências cotidianas. A velhice, alimentada pela esperança de vida, traz a energia necessária ao esforço exigido pelo engajamento na transformação do mundo.

**Palavras-chave:** expectativa de vida, princípio esperança, pedagogia da esperança, envelhecimento.

### Life hope and lifelong education in old age

**ABSTRACT.** In this work we attempt to demonstrate the distance that exists between the concepts of life expectancy and life hope, which are taken as synonyms by IBGE, the media and gerontology researchers. The conceptual delimitation is based on the book *The Principle of Hope* by philosopher Ernst Bloch and on the pedagogical thinking of Paulo Freire. In Bloch, hope gives life a projective direction which is guided by anticipatory conscience. The latter is made of the alliance of dream and reality, without losing oneself in the oniric realm but also without allowing reality to set its limits. Freire brings us the pedagogy of hope, which can be a valuable tool in intensional and systematic educational action towards elderly people in higher learning institutions. The progressive educator has the challenge of provoking in their students the desire of change, of transformation of the social and political conditions that are imposed by a system which offends human dignity. The change will require the continuous learning of scientific contents that enlarge and deepen comprehension of the world. The incompleteness of human beings makes them ever search new knowledge that will help them advance beyond common sense, which is constructed from day-to-day experiences. Old age, when fueled by life hope, brings the energy that is necessary to the effort required in engaging the transformation of the world.

**Keywords:** life expectancy, principle of hope, pedagogy of hope, aging.

### Introdução

O estudo apresentado desenvolve-se no campo da gerontologia educacional. Seu objetivo é uma reflexão sobre o emprego da concepção de tempo na prática da Educação permanente com pessoas idosas.

A reflexão inicia-se com uma questão epistemológica, isto é, a necessidade de estabelecer uma delimitação conceitual entre a categoria de esperança de vida e a categoria de expectativa de vida. As duas nomenclaturas são utilizadas, nas ciências sociais, de forma intercambiáveis para projetar o tempo de vida de

uma determinada população. Procuramos demonstrar que o teor da concepção projetiva do tempo a ser vivido tem um registro de caráter diferente quando considerada a expectativa de vida ou a esperança de vida.

O caráter da expectativa de vida é uma medida quantitativa do tempo, cujo resultado é uma concepção do tempo em que a projeção temporal da vida é previamente estabelecida por um cálculo fundamentado no tempo de vida média de uma população ou segmento populacional. O conceito de esperança de

vida quando não tomado como sinônimo do conceito de expectativa de vida pauta-se por outro referencial em que a projeção do tempo adquire um caráter menos delimitativo de um *a priori* e mais aberto de um 'porvir' percebido na dimensão subjetiva da temporalidade da vida humana. Os dois conceitos não são excludentes. Todavia, do ponto de vista meto-dológico, consideramos conveniente a delimitação conceitual entre ambos. Essa delimitação amplia a compreensão da temporalidade humana. Nossa reflexão sobre a dimensão temporal do futuro na pessoa idosa busca subsídios em Ernst Bloch, segundo o qual a esperança realiza-se na relação dialética entre o mundo subjetivo e objetivo do ser humano; é nessa relação que a consideramos. Concluimos nossa reflexão procurando no pensamento de Paulo Freire a prática de uma educação permanente orientada pela esperança. Para Freire a 'radicalidade da esperança' situa-se na consciência de que é possível transformar-se e transformar o mundo. Mas é preciso 'certa educação da esperança' para que seja crítica, sabendo-se necessária, mas não suficiente. A educação permanente na concepção freireana é a permanente 'educação da esperança'.

Vamos nos deter em três ideias fundamentais à compreensão do nosso tema. A educação orientada pela esperança, dissemos. A definição de esperança pode ser a que nos trazem Frei Betto e Cortella (2007, p. 7), grandes amigos e companheiros de trabalho de Paulo Freire: 'É o que nos sustenta na vida'. E a fonte da esperança, prossegue, 'só pode ser o amor à vida'. Não apenas em uma perspectiva individual. A esperança se realiza na história, e a história tem um tempo diferente da nossa vida pessoal; a minha esperança deve acolher o tempo histórico como lugar realização da sua utopia.

Outra ideia importante aos nossos propósitos: transformar-se e transformar o mundo. Para Freire essa ideia traduz a busca pelo 'inédito' – 'viável', a realidade com a qual se sonha e pela qual se luta, vencendo as 'situações' – 'limites', barreiras que limitam a vida social e pessoal. Não se faz isso sem esperança. Freire (2003, p. 199) alerta-nos para o fato de que a luta pela transformação do mundo e de si mesmo é uma luta 'sem ponto final', é uma luta permanente, como permanente é a própria educação. Este é um projeto que só pode ser alimentado pela esperança de vida, pela 'ânsia pelo melhor' (BLOCH, 2005, p. 48).

Finalmente, a terceira ideia que queremos destacar: educação da esperança. A esperança é necessária, e por isso precisa ser aprendida, para não alimentar a consciência ingênua, que nos faz

acreditar que a simples espera fará acontecer... e se não acontecer é porque não tinha de ser; tem de ser aprendida para iluminar a consciência crítica e abrir as portas aos 'sonhos possíveis'; tem de ser aprendida para combater o desânimo, a inércia, o comodismo e, sobretudo, o medo de ter esperança. 'A espera colocada acima do ato de temer não é passiva como este, tampouco está trancafiada em um nada' (BLOCH, 2005, p. 13).

Aprende-se a ter esperança, como se aprende que é possível mudarmos a história, tanto a nossa história pessoal, quanto a história do cidadão coletivo. 'O que importa é aprender a esperar' (BLOCH, 2005, p. 13). Isso se aprende, por exemplo, nas Universidades Abertas à Terceira Idade.

### O tempo medido e o tempo vivido

O homem, desde o início daquilo que se conhece por civilização, do cultivo do campo, precisou conhecer os ritmos do tempo e a forma como afetavam sua vida e seu trabalho. Inicialmente, as estações do ano e o ciclo do dia e da noite resumiam o conhecimento dos nossos ancestrais a respeito do tempo e davam conta de suas necessidades (GRIBBIN, 1981). Estamos no século XXI; encurtaram-se as distâncias entre a física e a ficção científica. Os homens não se contentam mais com um tempo que flui naturalmente. E os administradores e economistas, mais recentemente, os engenheiros de produção, querem controlar o tempo para maximizar os lucros empresariais e aumentar a competitividade. A mesma lógica orienta as práticas em diferentes instituições, das ONGs às universidades. Entretanto, é preciso entender alguns aspectos relacionados ao tempo, em relação aos quais nenhum especialista se sente completamente seguro.

A compreensão do tempo é algo ainda não resolvido plenamente, nem pela ciência, nem pela filosofia. O físico John Gribbin (1981, p. 106) reconhece as dificuldades impostas pela influência da subjetividade, '[...] por nossas idéias preconcebidas e pelas idéias da sociedade em que vivemos'. Entretanto, sendo um conceito fundamental em nossas vidas, estamos obrigados a dividi-lo, hierarquiza-lo, administra-lo e, sobretudo, a atribuir-lhe peso e significado, como parte da nossa existência. E há algo na existência de todos nós extremamente perturbador: temos um tempo de vida, cuja duração nós desconhecemos. Os cientistas, no entanto, quantificam este tempo e o denominam de 'expectativa de vida'.

O interesse científico pelo tema atende aos órgãos públicos da área da saúde e da previdência social, orientando a elaboração de políticas para o Sistema

Único de Saúde (SUS) e para aposentadorias e pensões. Pesquisas são encomendadas para monitorar as mudanças nos estratos etários e as tendências de crescimento dos diferentes segmentos, com vistas à elaboração de políticas e programas que resultem em menos gastos para o Estado. Entre os órgãos de pesquisa, destaca-se o IBGE, ao qual compete fornecer os índices de expectativa de vida dos brasileiros, termo que, no documento produzido pelo Instituto, alterna-se com ‘esperança de vida’, mantendo o mesmo significado.

Por determinação de um decreto presidencial, Lei nº 9876/1999, cabe à Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apresentar os dados oficiais sobre a expectativa de vida dos brasileiros,

[...] a partir da tábua completa de mortalidade para o total da população [...] considerando a média nacional única para ambos os sexos (IBGE, 2010).

A tábua da mortalidade é definida pelo IBGE (2010) como ‘um modelo demográfico que descreve a incidência de mortalidade ao longo das idades’. A taxa de mortalidade infantil, cálculo que integra o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é uma das informações fornecidas pela tábua; outra informação, que interessa mais de perto ao nosso estudo, refere-se ao número médio de anos que provavelmente viverá um recém-nascido que faça parte da população pesquisada. O Ministério da Previdência utiliza essa informação para determinar o chamado ‘fator previdenciário’ que incide sobre o cálculo das aposentadorias. Cabem aqui as palavras de Gilles Ardinat (2012, p. 35) que nos incitam à reflexão sobre a ‘vocação’ dos dados estatísticos:

Especialmente em tempos de crise, a vida pública se dobra diante de uma avalanche de números, taxas, notas e outras porcentagens que procuram quantificar a realidade objetiva. Arma superior de prova, o argumento estatístico é autoritário.

Assim, somos periodicamente e autoritariamente informados sobre a expectativa de vida de homens e mulheres e sobre a provável evolução das médias encontradas, com base em estudos anteriores.

Em 2010, o IBGE colocou à disposição dos gestores, da mídia e dos pesquisadores os dados relativos ao último censo populacional, anunciando o aumento da expectativa de vida e o progressivo crescimento do segmento idoso, especialmente da faixa etária acima de 80 anos.

O relatório afirma que,

[...] à medida que os índices de esperança de vida crescem, há uma tendência de aumento da incapacidade funcional da população idosa (IBGE, 2010, p. 194).

Entendemos que ocorre aqui um desvio semântico que desloca o conceito ‘esperança de vida’ do campo da filosofia para o campo da estatística, cuja lógica ignora tudo o que não pode ser traduzido em números. O tratamento estatístico permite associar o termo ‘esperança de vida’, que nos remete a algo desejável, que gera força e disposição, a patologias (incapacidade funcional), ou seja, a uma situação de vida que constitui o ônus mais pesado do envelhecimento.

Usar o termo expectativa de vida como sinônimo de esperança de vida tem consequências práticas que afetam a vida da população idosa. Os dados oficiais utilizados na produção de políticas públicas, ao ignorar diferenças conceituais, esvaziam o significado contido na ideia de ‘esperança de vida’, como se esta expressão nada dissesse. Assim esvaziada de significado, não será pensada como possibilidade e não será trabalhada no coletivo discente, constituído por alunos da terceira idade.

O relatório do IBGE repercute em toda a sociedade, através dos meios de comunicação, que reproduzem as expressões utilizadas. Dessa forma, o efeito de contaminação institui uma verdade ( $a=b$ ) que transita confortavelmente pelo senso comum e também nos meios acadêmicos, sem gerar desconfiças ou questionamentos. Nosso propósito, neste trabalho, é apontar as diferenças semânticas entre os dois conceitos, resgatando a ideia de ‘esperança de vida’, a partir da obra *Princípio Esperança*, de Ernst Bloch (2005) e reclamar para o termo um lugar de destaque nos discursos sobre o envelhecimento e nas pesquisas gerontológicas.

Um indicativo da necessidade dessa discussão é a ausência da expressão ‘esperança de vida’ no livro de Anita Liberalesso Néri, *Palavras-chave em gerontologia* (2005). Na obra, encontramos o verbete ‘Expectativa de Vida’, cuja definição coincide com a que é dada pelo IBGE em relatório publicado em 2010: ‘[...] expectativa de vida é a estimativa sobre a duração média de vida de uma coorte por ocasião do nascimento’. Néri é uma das pioneiras no campo da gerontologia, no Brasil; tem uma vasta e respeitada produção versando sobre psicologia do envelhecimento; por isso mesmo, a omissão que percebemos na obra citada chama a atenção para um vazio conceitual que nos provoca e exige uma reflexão, cuja importância esperamos evidenciar nas próximas linhas.

Em 1973, Pierre Vellas, criador da primeira Universidade Aberta à Terceira Idade, referindo-se às pessoas idosas, dizia: ‘Hoje é preciso dar-lhes entre nós o lugar que lhes cabe e as condições para uma existência feliz’ (VELLAS, 1973, p.173).

É possível ser feliz sem esperança? Não nos referimos aqui a uma esperança fugaz, circunstancial, mas à esperança como princípio de vida, à esperança de vida. Entendida dessa forma, a esperança não é um fenômeno puramente subjetivo, particular, psicológico; funda-se na práxis histórica, levando em conta as condições sociais, as lições do passado e a realidade presente. É assim que o futuro imaginado pode escapar ao universo onírico, realizando-se no mundo concreto, real, humanizado (VIEIRA, 2000). É desta esperança que nos fala Bloch, nos três volumes de *Princípio Esperança*, obra escrita entre 1938 e 1947 e publicada entre 1954 e 1959. A biografia de Bloch, que era judeu, expressa o quanto a esperança orientou sua trajetória de vida. No final da década de 1930, para escapar ao nazismo, exilou-se nos EUA. Estava, então, desempregado, sobrevivendo graças ao trabalho de sua esposa. Nessas circunstâncias adversas começou a escrever o primeiro volume de *Princípio Esperança*, que só foi publicado em 1954, na Alemanha. Outro fato relevante para ilustrar o que dissemos aconteceu no ano de 1961, quando, aos 76 anos, teve de recomeçar a vida na Alemanha Ocidental. Nessa época, residia e trabalhava no lado oriental; após sofrer forte perseguição do partido comunista, já bem idoso, teve de buscar emprego do outro lado do muro. Foi esse o custo por “[...] denunciar a esclerose da filosofia marxista e a burocracia stalinista” (HURBON, 1974, p. 22). Também merece ser apresentado outro dado biográfico que mostra a força criativa de Bloch e a esperança que o movia: pouco antes de morrer, com quase 91 anos e inteiramente cego publicou sua última obra, *Experimentum Mundi*. O que dissemos acima revela a profunda afinidade entre a vida e a produção literária de Bloch, entre as quais destacamos *Princípio Esperança* (2005), no qual o filósofo reafirma a força da esperança e do desejo humano na superação das condições sociais objetivas.

Hurbon (1974, p. 28) diz que “[...] o Princípio Esperança representa o esforço de captação das múltiplas forças ou possibilidades que convergem na direção do que Bloch denominou de ‘o lar da identidade humana’”. São forças de natureza objetiva e subjetiva que se evidenciam nas experiências cotidianas, onde a aliança entre o sonho e a realidade resulta na emergência da ‘consciência antecipadora’; é aqui que o possível, conduzido pela imaginação, encontra o seu lugar. O possível fundamenta-se na esperança. Um dos principais comentaristas de Bloch, Pierre Furter (1974), salienta a importância de ter a esperança como ‘princípio’, e não apenas como uma diretriz de vida. Refletindo-se na ‘consciência antecipadora’, a esperança altera o curso

da vida, imprimindo um dinamismo que afeta profundamente a existência humana. Uma consciência do ‘ainda-não-consciente’ (BLOCH, 2005, p. 115) ilumina o caminho pelo qual a vida deve prosseguir, olhando, cada um, dentro de si, sem perder de vista o chão em que está pisando, pois um tropeço na terceira idade pode resultar em fraturas do corpo e da alma de difícil cicatrização.

É no primeiro volume da trilogia que aparece o tema da velhice. O filósofo descreve essa etapa da vida como um momento menos turbulento, com menos inquietações, porém com mais medos. Os ganhos vindos com a idade, e todas as idades comportam ganhos, não parecem muito claros; as perdas, estas sim chegam a toda hora e parecem estar sempre espreitando em algum ponto do caminho; por isso, o medo. Por outro lado, no coração certa quietude e desejos calmos que sacodem menos o ser desejante, embora permaneçam vivos na expectativa de dias melhores (BLOCH, 2005). E o que desejam os velhos? Quais são seus ‘sonhos diurnos’? Diz Bloch (2005, p. 89) que ‘no sonho desperto, o eu se encontra cheio de vida e anseios’. Onde as pessoas idosas colocam seus anseios?

Ao responder a esta questão, Bloch destaca as preocupações do idoso com sua situação financeira.

Na era burguesa, o dinheiro parece ser mais desejável que nunca, não só a partir do instinto neurótico da preservação, que transforma em garras as mãos para as quais o meio se torna sempre um fim, mas também a partir da angústia de um ser desvalido frente à vida (BLOCH, 2005).

É por isso que ‘o vinho e o bolso’, que refletem o desejo de conforto e segurança, proporcionam ao idoso a alegria e certo afrouxamento da consciência, complacente com o tempo vivido.

O tempo, ah, o tempo! “Parece ter sido ontem que os jovens a sua volta eram da mesma idade” (BLOCH, 2005, p. 44). O desejo que esta ideia encerra é de um longo futuro pela frente, como quando tinha vinte anos, desejo que logo cede espaço à resignação. Entretanto, diz Bloch, aqueles que conseguem estabelecer uma relação saudável, madura com o tempo a ser vivido, um tempo com rugas e com cabelos brancos despedirem-se da juventude não implica sofrimento. Ter sido jovem foi necessário, apenas isso. A velhice, como todas as etapas da vida, é plena de possibilidades se a pessoa envelhece bem e dispõe-se a ter uma vida ativa. Não uma vida ativa como aquela reservada aos jovens. As pessoas idosas, mesmo que com muita energia e disposição para as atividades da vida diária, desejam intensamente tranquilidade, sossego, ‘[...] a permissão de sentir-se exaurido pela vida’ (BLOCH, 2005, p. 46). Nada que provoque turbulências:

lembranças de erros cometidos, arrependimentos... O desejo de paz é mais forte e cala, em parte, a consciência de fatos passados que trazem a marca do fracasso, das oportunidades perdidas... Que importa se os sentidos estão atenuados? O idoso, assim, estará protegido de excessivos estímulos que o podem perturbar se deseja apreciar a visão da colheita, pensar nas pessoas que ama e fazer seus planos de curto prazo.

O desejo de sossego, porém, não é avesso à quebra de rotina, pelo contrário: novidades são bem-vindas, inclusive as notícias mais triviais que dizem que algo mudou, que o que era esperado aconteceu. 'O novo é saudado como irmão que chega de viagem da região em que nasce o sol' (BLOCH, 2005, p. 48).

Quando crianças, saltávamos excitados ao toque da campainha, diz Bloch (2005) Ainda na velhice permanece essa expectativa, que é a esperança de que coisas boas aconteçam, não só para si mesmo, mas para os que vivem em penúria, para os que buscam justiça, enfim, para aqueles com quem o idoso se solidariza em 'sonhos diurnos'. As pessoas idosas sonham e desejam e esperam porque sabem que o universo do possível aguarda a ação do homem para fazer-se objetivo e real. Sendo parte da humanidade que faz a história, deve, então, o idoso nutrir-se de esperanças que redimensionam sua vida, expandindo o 'horizonte utópico concreto', utópico porque é o 'ainda não', e concreto porque conhece os limites dos seus sonhos e as condições para que se realizem.

### Por uma pedagogia da esperança

Ao contrário de Bloch, Paulo Freire, filósofo da educação, não se deteve em reflexões sobre a velhice, com a qual não se entendia muito bem. Morreu aos 75 anos, de infarto do miocárdio, e queixava-se com frequência das limitações impostas pelas mazelas vindas com a idade. Dizia que o corpo se recusava a obedecer à cabeça e que havia um desencontro entre a juventude da alma e o corpo envelhecido. Era difícil para Freire, que manteve, até o fim da vida, grande vitalidade afetiva e intelectual, conformar-se com isso. É como se o corpo e a mente vivessem tempos diferentes e só o primeiro sentisse o passar dos anos.

No ano de 1988, em conversa com alunos da 7ª e 8ª séries, Freire encerra o diálogo dizendo:

Como eu me sinto quase da idade de vocês [...] Eu tenho vinte anos, eu tenho dezoito, eu tenho quinze, apesar dos 67 anos e das dores do pé (FREIRE, 2001, p. 121).

Aos 70 anos, escreve em artigo destinado aos jovens:

Vivem dentro de mim o menino que eu fui e o que gostaria de ter sido e não pude ser e que hoje procuro ser. Não deixem morrer em vocês as meninas e os meninos que são hoje para que jamais envelheçam, apenas fiquem maduros (FREIRE, 2004, p. 270).

Há uma grande afinidade entre o pensamento de Bloch e o de Freire: ambos aproximam o marxismo do cristianismo; ambos fazem da esperança uma categoria essencial à existência humana. Na obra de Freire a,

[...] esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. Precisamos da esperança crítica, como o peixe necessita da água despoluída (FREIRE, 2003, p. 10).

É tarefa do educador progressista a educação da esperança, sem a qual o ser humano se imobiliza e se desespera.

Em Bloch, a esperança movimenta os 'sonhos diurnos'; a estes Freire denomina, na *Pedagogia da Esperança* (2003) de 'sonhos possíveis', mantendo o mesmo caráter utópico, que anuncia o 'inédito – viável'; o sonho antecipa a luta por mudanças de condições que ferem a dignidade humana. Sonhar, então, é um ato político que nasce da consciência crítica e tem consequências práticas, no tempo presente: "O que pode ser feito agora para que se faça amanhã o que hoje não pode ser feito" (FREIRE, 2003, p. 126).

Sonhar não é privilégio dos jovens. Os sonhos expressam anseios, sem os quais a vida fica à deriva, sem direção nem sentido. Mesmo um pessimista assumido, como o filósofo italiano Norberto Bobbio, sonhava; nos seus sonhos de octogenário o mundo domestica a violência (BOBBIO, 2007). Embora afirmasse, aos 86 anos, que vivia o 'tempo da memória', o filósofo viveu intensamente o presente até o fim da vida, aos 94 anos. Nessa longa vida, acompanharam-no o desejo e a paixão. Desejava saber mais, sempre mais. Em entrevista por ocasião dos seus 90 anos, ao jornal *La Repubblica*, em 2000, reproduzida pelo diário ibero-americano, *La Insígnia*, em 2007, desabafa: 'Quando sinto ter chegado ao fim da vida sem ter encontrado resposta às perguntas últimas, a minha inteligência fica humilhada' (BOBBIO, 2007). Nessa entrevista, Bobbio expressa ainda seu desejo de paz e de possibilidade do diálogo como uma 'ética da compreensão', contra uma 'ética da prepotência'. Diz também que sua paixão pelos livros aumentou com a idade. Continuava tão fascinado, como na adolescência, pela poesia de Leopardi, com quem se identificava no desejo de 'chegar às raízes de todas as coisas' (BOBBIO, 2007). A esperança, o desejo e o sonho não naufragaram nas ondas do tempo, apesar do esforço que fazia para

permanecer vivo e do enorme cansaço, de que sempre se queixava (BOBBIO, 2007).

Freire (2001, p. 35) acreditava que “[...] é impossível existir sem sonhos” e que o educador deveria assumir a responsabilidade de gerar ‘sonhos possíveis’, fazer as pessoas entenderem o porquê de seus desejos e irem além na capacidade de sonhar. Chamava a isso ‘pedagogia do desejo’, um outro nome para a ‘pedagogia da esperança’.

A esperança é o avesso do fatalismo, contra o qual se coloca a educação orientada pela pedagogia de Freire. Este, na recusa de qualquer determinismo, argumenta em defesa da ideia de que a história tem de ser entendida como possibilidade, tanto no que se refere à história pessoal, quanto à história social e política. Se nada está determinado, cada um deve assumir a autoria de sua própria história e participar da construção da história do seu tempo. A idade não nos isenta dessa participação, não tira de nós a responsabilidade de tomarmos nossas vidas nas mãos, fazendo dela tudo o que ela pode ser, nem exime o cidadão coletivo das consequências de ações e omissões que podem transformar a sociedade para melhor ou para pior. Um exemplo de engajamento que não arrefece com o passar dos anos é dado pelo próprio Paulo Freire (2004, p. 145), em depoimento na Universidade Unicsul, poucos meses antes de morrer.

Os 75 anos modificaram um pouco a resistência do meu corpo: por exemplo, subir dois andares sem elevador já começa a ser um problema. Mas os 75 não diminuíram em nada a vontade de viver, a capacidade de amar o mundo, um gosto pela briga em favor da transformação do mundo, a esperança, o otimismo na luta do dia-a-dia, a curiosidade. Tudo isso se intensificou e se aprofundou em lugar de desaparecer. O meu compromisso com a vida, com os explorados, o meu compromisso com a possibilidade de fazer a sociedade brasileira menos feia, menos injusta, continua cada vez mais forte em mim.

O Paulo Freire que na década de 1960, com menos de 50 anos, tornou-se mundialmente conhecido pela obra *Pedagogia do Oprimido* (2002) e a luta em favor dos ‘esfarrapados da terra’ é o mesmo que, aos 75 anos declara seu ‘compromisso com a vida e os explorados’. A esperança de vida, ‘a vontade de viver’, apresenta-se aí ostensivamente e nem por má-fé poderia ser confundida com ‘expectativa de vida’. Bem antes do infarto agudo do miocárdio que o matou em dois de maio de 1997, Freire apresentava problemas de saúde que o deixavam fisicamente fragilizado e que não permitiam prognósticos otimistas em relação a sua recuperação. Não tinha forças para subir dois andares de escada, mas se sentia ‘cada vez mais forte’ para brigar ‘em favor da transformação do mundo’ (FREIRE,

2000, p. 85). Aos 75 anos, a ‘expectativa de vida’ era pequena; grande a ‘esperança de vida’.

Sempre se podem ‘apagar’ as diferenças, forçar analogias e dizer uma coisa por outra. Por muitas razões, diz-se ‘é tudo a mesma coisa’. Mas não ‘é tudo a mesma coisa’, especialmente se olho para a pessoa idosa do lugar da educação e penso a Educação Permanente, orientada pela esperança, uma educação progressista. Assim concebida, a educação chama aqueles que venceram os desafios e superaram os obstáculos em muitos anos de existência e chegaram à velhice; chama-os para compartilharem “[...] o sonho da mudança permanente das pessoas, das coisas, do mundo” (FREIRE, 2004, p. 147). Uma vez juntos, em situação dialógica, logo será necessário mais do que afinidades, nobres ideais e o desejo de operar mudanças pessoais e coletivas.

A consciência ingênua apresenta-se no coletivo de alunos da terceira idade, através de crenças e saberes assentados no senso comum, na experiência de vida. A educação progressista reconhece e respeita a bagagem acumulada em muitos anos de erros e acertos nos afazeres cotidianos. Entretanto, o conhecimento cientificamente respaldado é ferramenta indispensável à construção da consciência crítica, com a qual o sujeito é capaz de teorizar as experiências cotidianas e entender as condições materiais que forjaram a realidade que se pretende mudar, na esperança de uma vida melhor para todos. A consciência ingênua, curiosa, que nutre as boas intenções não vai além de um olhar descomprometido, desarmado, aprisionado nos limites impostos pelo ‘saber de experiências feitas’. A esperança de vida, que se alimenta dos ‘sonhos possíveis’, alarga-se quando o sujeito cognoscente percebe criticamente o objeto sobre o qual deposita sua curiosidade. E então...

Retira o fato, o dado concreto do contexto real, onde se dá e, no contexto teórico, submete-o à sua ad-miração. Aí exerce sobre o dado a sua cognoscibilidade, transformando-o de objeto ‘ad-mirável’ em objeto admirado. (FREIRE, 2001, p. 44).

O afastamento do objeto permite objetivá-lo, conhecê-lo e transformá-lo. É esse movimento que a consciência ingênua não consegue realizar; por isso, a necessidade da Educação Permanente, que é a permanente superação dos entraves impostos pelo senso comum e incessante esforço de desvelamento da realidade.

Vemos esta educação, orientada pela esperança e que se movimenta no sentido da transformação das condições objetivas de existência das pessoas idosas, realizando-se em Instituições de Ensino Superior, de forma sistemática, diretiva e intencional, mas livre das amarras da educação

formal. Nessas circunstâncias, o encontro de pessoas com diferentes níveis de escolaridade, de diferentes classes sociais resulta, frequentemente, em algo maior do que aquilo que buscavam ao inscreverem-se em programas para a terceira idade. Esta queria ‘arranjar alguma coisa para fazer’; aquela desejava ‘ter pessoas para conversar’; o outro queria ‘voltar a estudar’. Falas como estas são comuns. Até onde vai nossa experiência, podemos dizer que ninguém chega falando em transformar o mundo, em fazer de si mesmo uma pessoa melhor, manifestando a esperança em uma sociedade mais justa e desejando participar de sua construção. E é justamente esse o papel do educador progressista: apresentar ao educando, de sete ou de setenta anos, possibilidades que ele não enxerga, fazê-lo desejante de conquistas pessoais e sociais nas quais não havia pensado e cujos caminhos de realização ele desconhece.

O esvaziamento da esperança leva ao imobilismo, não necessariamente físico. Algumas pessoas buscam a Universidade Aberta à Terceira Idade para cuidar de problemas fisiológicos decorrentes do envelhecimento. A hidroginástica aparece como panaceia para todos os males. Os cursos que trazem conteúdos científicos e filosóficos esbarram, muitas vezes, no argumento ‘minha cabeça não consegue aprender essas coisas’. A esperança, nesses casos, não vai além de uma solução para desconfortos que afetam as articulações e limitam os movimentos. Freire (2003, p. 124) fala do ‘cansaço existencial’ que invade os velhos trabalhadores, um cansaço mais espiritual do que físico que se nutre do medo do fracasso. Este medo, diz Freire, não é uma abstração. Fracassar, nessa etapa da vida, é receber atestado de incompetência para mudanças que tornem a vida boa de ser vivida, pelo indivíduo e pela coletividade a que pertence.

Quando somos jovens, o fracasso pode ser aceito como parte dolorosa, mas necessária, da caminhada em direção ao sucesso. Há tempo para e energia para empreendê-la. Quando chega a velhice, e com ela as dores e as perdas, a necessidade de aprendizagens que alimentem o pensamento crítico e orientem a luta pela superação das condições que impendem uma vida plena e digna compete com o ‘cansaço existencial’. O educador progressista precisa compreender o fundamento deste ‘cansaço’ para combatê-lo com estratégias de sedução e convencimento. Se tiver êxito, a pessoa idosa, movida por uma grande ‘esperança de vida’, passará a entender os anos que tem pela frente como tempo de possibilidades, tempo de realizações, de luta e enfrentamentos.

## Considerações finais

No presente artigo, refletimos sobre dois conceitos fundamentais à Educação Permanente de pessoas que estão na terceira idade: ‘expectativa de vida’ e ‘esperança de vida’. Defendemos a tese de que estes conceitos, utilizados como sinônimos pelos institutos de pesquisa e em trabalhos científicos, dizem coisas diferentes. Extraímos das obras de Ernst Bloch (2005) e de Paulo Freire (2001, 2003, 2004) os argumentos em favor de nossa tese que, se aceita, deverá imprimir um novo significado às práticas educacionais com pessoas idosas, desenvolvidas em instituições de ensino superior. Estas deverão assumir um caráter projetivo e o compromisso político com ‘a superação das condições históricas que mantêm a opressão econômica e social’ (FREIRE, 2001, p. 210). Desta forma, a educação na velhice comporta no seu bojo muito mais do que a busca de um estilo de vida saudável que permita viver mais e melhor, ainda que queiramos isso para nós e para todos. Compreendemos que o conceito de ‘envelhecimento ativo’, apresentado pela OMS (2002) fica na periferia das questões que afetam a vida das pessoas idosas, quando reduz a existência, após os 60 anos, a práticas individualistas de preservação da saúde física e mental. Na perspectiva progressista, ‘envelhecimento ativo’ implica participação social e política, engajamento radical contra o fatalismo, inconformismo em relação a tudo o que ofende a dignidade humana e disposição para agir e reagir no sentido de transformar o que não pode ser passivamente aceito. Segundo Bloch e Freire, a vida deve ser uma eterna busca pelo melhor, o que exige a prática da esperança e a certeza de que a transformação das circunstâncias indesejáveis é possível.

As pessoas têm diferentes modos de viver o tempo da velhice. As experiências vividas podem reforçar atitudes negativas, moldadas por frustrações e por medos antigos. Entretanto, é possível, através da ação educativa, trazer à tona os desejos e os sonhos diurnos que a insatisfação e as carências suscitam, independentemente da idade. Dessa prática podem resultar ações concretas, intuídas pela consciência antecipatória e planejadas de acordo com o conhecimento da realidade objetiva. É a isso que se propõe a Educação Permanente, na terceira idade, fundada na esperança como princípio gerador do novo.

Sim, as pessoas estão vivendo mais e com mais qualidade de vida. Entretanto, viver mais e melhor só vale a pena quando a vida tem um sentido e o mundo ultrapassa os limites dos nossos pequenos feudos, das muralhas atrás das quais nos protegemos



e assistimos à ciência apresentar soluções para acrescentar mais anos à nossa existência, esperando pelas notícias que nos chegarão pelos meios de comunicação de massa. Assim, a 'expectativa de vida' aumenta a cada ano, ao passo que a esperança de vida, debilitada, se esvai.

## Referências

- ARDINAT, G. Vale tudo para combater o protecionismo. **Revista Le Monde Diplomatique**, ano 5, n. 54, p. 35, 2012.
- BLOCH, E. **Principio esperança**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005. v. I.
- BOBBIO, N. **Entrevista ao jornal La Republica, reproduzida pelo diário La Insignia**. 2007. Disponível em: <<http://www.lainsignia.org/2007/septiembre/cul043.htm>>. Acesso em: 19 dez. 2011.
- FREI BETTO; CORTELLA, M. S. **Sobre a esperança**. Campinas: Papirus, 2007.
- FREIRE, P. **À sombra desta mangueira**. 3. ed. São Paulo: Olho d'Água, 2000.
- FREIRE, P. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Unesp, 2001.
- FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- FREIRE, P. **Pedagogia da tolerância**. São Paulo: Unesp, 2004.
- GRIBBIN, J. **Tempo, o profundo mistério do universo**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
- HURBON, L. **Ernst Bloch**. Utopie et esperance. Paris: Éditions du Cerf, 1974.
- IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico**. Rio de Janeiro, IBGE, 2010.
- NÉRI, A. L. **Palavras-chave em gerontologia**. Campinas: Alínea, 2005.
- OMS-Organização Mundial de Saúde. **Envelhecimento ativo: um projeto de política de saúde**. Segundo Encontro Mundial sobre Envelhecimento. Madri: OMS, 2002.
- FURTER, P. **Educação permanente e desenvolvimento cultural**. Petrópolis: Vozes, 1974.
- VELLAS, P. **Les chances du troisième age**. Paris: Stock, 1973.
- VIEIRA, A. R. **Principio esperança e 'herança intacta do marxismo'**. 2000. Disponível em: <[http://www.unicamp.br/cemarx/anais\\_V\\_coloquio\\_arquivos/comunicacoes/gt1/sessao6](http://www.unicamp.br/cemarx/anais_V_coloquio_arquivos/comunicacoes/gt1/sessao6)>. Acesso em: 18 dez. 2011.

*Received on February 29, 2012.*

*Accepted on March 15, 2012.*

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.